

APRESENTAÇÃO

Quatro anos de África(s)! Com muito entusiasmo, bom humor, sorrisos e determinação conseguimos construir um periódico reunindo autores para refletirem sobre temas diversos alusivos ao continente africano, suas representações, ou mesmo aspectos da História dos negros brasileiros. Afinal de contas, se em nosso programa de pós-graduação há colegas que defendem o uso conceitual da categoria raça, em meio aos que não vêem validade no mesmo, por que não fazer com que estas divergências tomem as páginas de nosso egrégio periódico? Há os que vêem os negros como descendentes dos povos africanos, assim como também há os que enxergam a descendência como algo construído, entendido como construção cultural... Sim, pelas nossas páginas autores diversos escreveram linhas defendendo a ideia de que o conceito de raça não pode ser tomado de outra forma que não seja pelos aspectos biológicos. Houve também quem mostrasse que este, para além das marcas naturais, também traz consigo as balizas da cultura. A polêmica continua! E o debate também, sobretudo por que estamos em vistas de manter nossas atividades cada vez mais presentes entre aqueles que se dedicam aos Estudos Africanos, ou ao que se convencionou nomear por Estudos Raciais. Eis uma das principais razões para termos construído programas de pós-graduação em dois níveis, um na esfera lato, e outro em stricto sensu. Muito trabalho nos espera, em meio às divergências, polêmicas e debates, travados no bom estilo da academia, regados à erudição e paciência. Nesse sentido, nossas páginas terão, assim esperamos, outros tantos artigos sobre a história do continente africano, dos seus povos, das representações da África em outras partes

do mundo, bem como de temas alusivos aos negros e do que se convencionou nomear por “suas” práticas e costumes.

Nas páginas deste periódico passaram autores em diferentes níveis de carreira. Tivemos nomes de repercussão internacional, bem como aqueles que ainda se encontram em vias de consolidação. Por nossas páginas desfilaram, como diria o locutor das passarelas dos concursos carnavalescos do Recife (o célebre Lima Neto), autores dignos de serem comparados a maracatus nação de primeira categoria, e outros que ainda se encontram nos grupos intermediários. Poderíamos dizer, em outro jargão, que nesta passarela passearam as poderosas escolas de samba do grupo especial, e outras da divisão de acesso. Os olhares, para além dos níveis de experiência, constituem traços fundamentais para a constituição das traduções que devemos realizar, com o intuito de desvendar (ou interpretar, como queiram) os fenômenos e eventos que permeiam as relações humanas. Afinal de contas, para que servem os estudiosos, se não para refletirem e traduzirem estes fenômenos? Sim, olhares múltiplos e contribuições diversas! E nós esperamos receber outras tantas, pois a polêmica contribui e propicia a construção do conhecimento, deslocando-o para novos formatos, como diria o ilustre Michel de Certeau.

Este volume é o segundo da era “periódico de programa de pós stricto sensu”. Até então nossa revista servia aos propósitos de nosso programa de pós-graduação lato sensu. O acúmulo dos trabalhos e crescimento da equipe propiciou as modificações atuais. O plantel foi reforçado com contratações de peso, como diria o ilustre Silvio Ferreira, um dos mais destacados dirigentes de um dos maiores clubes de futebol do Nordeste, o Santa Cruz do Recife, e docente do Departamento de Psicologia da UFPE. Tive-

mos a incorporação da ilustre Dra. Alyxandra Gomes Nunes, responsável pela revisão dos textos na língua inglesa. Sua presença é igual à de um bom zagueiro, que não aparece tanto nos comentários esportivos, mas tem fundamental importância para o êxito de uma equipe. Maura Icléia Castro, bibliotecária e responsável pelas indexações, é a nossa ponta direita. Faz as jogadas, arma o contra ataque e segura as oportunidades para o centroavante finalizar no fundo das redes. Com ela temos vencido jogos de goleada! Lino Greenhalgh, nosso diagramador e também revisor, é o ponta esquerda desta equipe, que junto com Maura garante sempre os três pontos na “casa do adversário”. O time se completa com as ilustres figuras dos doutores Moiseis Sampaio e Raphael Rodrigues, editores desta revista, e centroavantes renomados, do calibre de ilustres jogadores (como Grafite, Marcelo Ramos e Cláudio Adão, dentre outros), bem como de nosso “meio campista” Cândido Domingues, também editor e que no momento se encontra em terras portuguesas, fazendo inveja a Cristiano Ronaldo e sendo cobiçado pelos técnicos Mourinho e Guardiola. A equipe também tem neste missivista seu apoio nos bastidores, como uma boa torcida que apóia e incentiva nos momentos difíceis. Juntos, somos aqueles que seguram as pontas de um “clube de futebol com poucos recursos”, e que ainda está galgando espaços nas divisões inferiores, mas que dispõe de muita habilidade técnica e carisma junto a sua torcida. Somos a África(s)!

E como não deveria deixar de ser, para este volume trazemos mais um plantel de primeira, de deixar com inveja as torcidas do Santa Cruz, Bahia, Vitória e Corinthians. O dossiê, organizado pelos craques Carlos Silva e Cândido Domingues, traz os trabalhos de gente de peso, com expertise suficiente para

almejar contratação pelos clubes de primeira linha. O dossiê, reunindo artigos sobre a escravidão atlântica, tem em seu escrete “atletas de primeira grandeza”, como Thiago Mota, da UFMG; Mairton Silva, da UFPI; Juliana Farias da UNILAB (BA) e colega de nosso programa de pós-graduação; Mariza Soares, da UFF e Maria de Fátima Pires, da UFBA. Os comentários sobre o dossiê serão feitos logo a seguir, na apresentação do mesmo, por seus organizadores.

O volume tem ainda a participação de outros “atletas”, ao estilo de Josenildo Pereira, da UFMA, que traz uma instigante discussão sobre a escravidão moderna, e os desdobramentos que culminaram na formação da sociedade brasileira. O autor faz uma proclamação imperiosa: é preciso desracializar os estudos sobre o tráfico Atlântico. Na sequência, “sem deixar o jogo esfriar”, Pedro Leyva, da UNILAB (BA) e também integrante deste programa de pós-graduação, joga pelo meio, com rapidez, e discute sobre as formas como eram capturados homens e mulheres nas diferentes regiões do continente africano. O debate por ele entabulado mostra que as representações sobre a escravidão atlântica ainda estão longe de se tornarem simples peças de análise, ou eventos ocorridos em um passado distante. Estas representações ainda movem energias e emoções, tal qual o clube que está jogando para vencer, sem dispor da condição simples do empate!

Michelle Cirne, da UNILAB (campus Redenção – CE) nos brinda com excelente trabalho sobre a análise da produção intelectual de mulheres do continente africano no âmbito dos Estudos Africanos e de gênero. Suas conclusões mostram como ocorrem os processos de invisibilização das questões alusivas às mulheres africanas, e de como suas temáticas perdem visibilidade nestas áreas do conhecimento. Miki Sato, mestre

em Terapia Ocupacional, e notável colaboradora da Casa das Áfricas (Núcleo Amador), joga com a torcida, faz embaixadas e tabela com exímia maestria, discorrendo sobre mulheres de diferentes países do continente africano que vivem em São Paulo. Seu trabalho mostra como estas mulheres encetam diferentes discursos e ações, protagonizando estratégias diversas para o cotidiano paulista, unidade mais rica deste país chamado Brasil.

O jogo segue, e agora a bola está com Paulo Sérgio Proença, que em belíssimo “overlapping”, mostra a existência de problemas relacionados à convivência entre os brasileiros de cores diversas a partir da frase enigmática “Eu não sou racista, mas...” O autor discute diferentes sentidos para esta oração, tomando como parâmetro metodológico uma competente revisão bibliográfica, mostrando as entrelinhas do texto que teria como sentido, a princípio, a negação de algo que em tese está, conforme o artigo, mais do que nunca presente na sociedade brasileira. Ainda no tempo regulamentar da partida, temos o belo artigo de Dulce Santoro e Cláudio Cavas, escrito a quatro mãos em uma dupla que lembra as jogadas magistrais de Tostão e Pelé, nos áureos tempos do escrete brasileiro. Tendo como tema as religiões que tem na possessão um dos seus ápices, os autores discorrem em exímia perspectiva interdisciplinar sobre os diferentes contextos de transformação, ressignificação e contextualização de fenômenos religiosos ainda carentes de análises e estudos à altura de sua importância em nossa sociedade.

Ao fim do volume, duas resenhas de livros fundamentais para os que se arvoram na seara dos estudos sobre a escravidão atlântica, que tal qual o grito de gol, insiste em se manter na crista da onda dos historiadores e cientistas sociais em geral.

O volume tem, portanto, artigos de autores das mais variadas áreas do conhecimento, respaldando África(s) como um periódico dotado de rara perspectiva interdisciplinar, recurso imprescindível para a análise de fenômenos que se relacionam com os Estudos Africanos, Representações da África, ou mesmo aspectos voltados para as práticas e costumes de homens e mulheres nascidos no Brasil, mas que possuem identidades múltiplas e estão inseridos em complexas redes de sociabilidade. Como diria Obenga em célebre artigo, não há como abrir mão da interdisciplinaridade para compreender os eventos ocorridos no continente africano. Ao que nos parece, esta geração de estudiosos, aos quais incluiríamos também Cheik Anta Diop, Joseph Ki-Zerbo, Amadou Hampatê Bá, Boubacar Barry, dentre outros, nos ensinou que o alargamento da ideia de fontes, objetos e perspectivas, no campo da História, também é tributário do continente africano. Estes nomes, se comparados numa perspectiva metafórica, ao futebol, possuem a grandeza da equipe formada pelo Santa Cruz no ano de 1975. Dotado de intensa substância, genialidade e maestria, poucos se lembram dos feitos deste plantel, que por pouco não foi campeão brasileiro daquele ano. Situação análoga aos trabalhos dos ilustres historiadores que publicaram artigos geniais e magistrais na coleção História Geral da África, para o qual devotamos aqui nossas homenagens.

O jogo está nos momentos finais, e convidamos você, estimado leitor, a vibrar conosco, pois a vitória está próxima, e África(s) caminha para o acesso, subindo para divisões mais nobres dos periódicos brasileiros.

Ivaldo Marciano de França Lima
Editor de África(s).